

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades
4 a 6 de agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo
GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

O OLHAR DO VIAJANTE EM *DESMEDIDA, LUANDA-SÃO PAULO-SÃO FRANCISCO E VOLTA*, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Fernanda Santos¹

Introdução

Ruy Duarte de Carvalho expressa, em suas obras, um percurso subjetivo que é uma espécie de espiral de autoconsciência, extremamente produtivo enquanto traço geral da literatura do fim de século XX e traço específico quanto ao momento político econômico angolano. Sujeito híbrido e plural, mas absolutamente engajado nas suas atividades e nas forças que o movem, sua produção escrita reelabora campos discursivos e questões conceituais importantes para pensarmos no que possivelmente ainda pode significar ser um escritor angolano no mundo de língua portuguesa, com seus problemas sociais, suas relações históricas e seus impasses políticos. Enquanto outro (um branco português), identificado com e naturalizado seu outro (não-europeu, africano e angolano), a escrita de Ruy Duarte de Carvalho se torna cada vez mais provocadora do mundo contemporâneo.

A narrativa de *Desmedida, Luanda-São Paulo-São Francisco e Volta*, de Ruy Duarte de Carvalho, mostra a capacidade do autor em ler paisagens. A partir de imagens muito vivas, o narrador nos oferece um Brasil que mostra uma

¹ Mestre em Literaturas e Culturas dos Povos Africanos de Língua Oficial Portuguesa, na Universidade Nova de Lisboa; Professora substituta no departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo; fercris77@gmail.com.

convergência notável entre o país percorrido e o sujeito que o percorre. A mobilidade e a circularidade são constantes, na obra do escritor, temporalizando e reconfigurando o espaço. (SILVESTRE, 2006, p. 26). O olhar do narrador perpassa uma viagem por paisagens e culturas desconhecidas, um olhar que é também voltado para si próprio, num processo constante de auto-reflexão em diálogo com o Outro. A viagem é também, nesta narrativa, um modo de busca identitária, que Guattari e Roldnik definem como um “processo de segundo grau, em permanente processo de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la”. (GUATTARI, ROLNIK, 1986).

A consciência da complexidade do objeto e da impossibilidade de dominar o conhecimento que persegue é um dos elementos a distinguir o autor e a evidenciar a diferença de seu projeto. A viagem não é só válida enquanto deslocamento, percurso mais ou menos longo, mas é digna de registro, através da descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais. (CRISTÓVÃO, 2002, p. 35).

Tendo em mente a centralidade de Angola em sua obra, o leitor nota que pelos caminhos do sertão brasileiro e pelas ruas agitadas de São Paulo, o narrador não deixou de buscar Angola. Sem deixar de trazer um relato de viagem, a obra rompe a ilusão de familiaridade, pois a própria viagem se revela bastante complexa. A viagem no texto e a viagem do texto se sobrepõem e confundem, mantendo entre elas uma relação constante mas sempre ambígua, numa escrita que se configura como o lugar através do qual o sujeito se reúne com os outros seres humanos. A escrita é, assim, um lugar de implicação do sujeito no mundo exterior e vice-versa.

A associação entre a crônica e a viagem foi sempre cultivada, e aqui não surpreende, tendo em conta a formação do autor em antropologia, profissão em que são inerentes os laços de parentesco entre os deslocamentos e a escrita. Assim chegamos à noção de fronteira, como algo que faz parte do tecido da experiência e do gosto de viajar, tão presente na obra e na vida do escritor. O processo narrativo é orientado pelo gesto de atar pontas do tempo: o passado,

em que se localizam as referências intelectuais a serem convocadas, e o futuro, que será apreendido na descodificação das paisagens visitadas durante a viagem do escritor angolano. O papel epistemológico do sujeito é o de quem tenta conhecer, em trânsito, o espaço. Assim, o espaço como a geografia, torna-se noção e proposta do sujeito.

Em *Desmedida*, isso se confirma de várias maneiras. A começar pela referência explícita ao Brasil. Ao atravessarmos toda a obra, se verifica que mais do que uma alteração espacial, trata-se de uma mudança de perspectiva. Também aqui, e de modo intenso, o escritor incorpora a deriva como um movimento produtivo, explorando as possibilidades de desvendar o real. Ao final do texto, o leitor nota que, pelos caminhos do sertão brasileiro e pelas ruas agitadas de São Paulo, o narrador sempre buscou Angola.

Viagens e fronteiras

Esta constante preocupação com os caminhos da literatura percorre todo o relato da viagem onde alternam ou se entrecruzam vários níveis ou estratos espaciais e temporais. Este viajante vem de Angola, do continente africano, com outras motivações, que se vão revelando ao longo do roteiro que desenrola. Melhor dizendo, dos roteiros, o da viagem no plano físico e o da construção do texto, ambos mobilizados pelo interesse no Brasil contemporâneo que a incursão na geografia e na história permite encontrar.

Seguindo na direção do centro do país, o narrador não vai, como poderíamos esperar, à procura do que está consolidado. Seu rumo é pautado pelo desejo de aferir a pulsação do São Francisco, que corta as terras que ganharam estatuto lendário nos textos de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa. Na companhia desses autores, e de outros como Richard Burton, Teodoro Sampaio e Saint-Hilaire, efetiva-se seu plano de conhecer e reconhecer partes de um país com que, há décadas, estabeleceu relações tão vivas. O Brasil, descoberto nos livros e revistas que desde a sua adolescência vivida no sul de Angola freqüenta o seu imaginário, abre-se a outras formas de apreensão.

A dimensão da viagem aqui se manifesta como um dado estrutural. E é também com a bagagem da antropologia, formação do autor, que vai organizando

sua travessia. Com essa base, ele vai perscrutando o universo das mobilidades culturais, uma característica das populações pastoris que ocuparam o seu pensamento e foram contempladas em *Vou lá Visitar Pastores*. (CARVALHO, 1999). O autor nos alerta para os significados e o peso da mobilidade dessas populações que vivem no sudeste de Angola, às quais ele dedicou a maior parte de suas reflexões.

Assim chegamos à noção de fronteira, e daí ao gosto de viajar, tão presente na obra e na vida do escritor. Os nomes dos lugares – Luanda, São Paulo e São Francisco - já presentes no subtítulo, prenunciam que *Desmedida* é um livro de viagem, embora seja bem mais do que isso. A força das paisagens ali está. Entretanto há outras vias que conduzem o narrador, fazendo-o perder-se nas voltas que confundem e encantam sua escrita:

Pelo que, andando eu agora por aqui também a querer explorar este rio São Francisco e a tentar apreender os seus passados para ver se consigo situar-me nos seus presentes, de dados que vou retendo sustento a minha devoção pelo que Guimarães Rosa escreveu, e é a paisagens literárias que me remeto ainda, correndo embora o risco de levar o eventual leitor a concluir que assim também já chega. Com o que aliás concordo e garanto passar depois a outra. (CARVALHO, 2010, p.135).

O sertão de Guimarães Rosa é também uma imagem do universo que resolve a hesitação entre o local e o universal. Historicamente isolado em relação ao litoral escravocrata tornou-se, por isso, refúgio de homens pobres e marginalizados, brancos, mulatos, pretos forros e até índios. É um espaço de fronteiras, e de guerras, onde como diz Guimarães Rosa, "quem manda é quem tem poder, com as astúcias, Deus quando venha que venha armado". (ROSA, 1994, p. 17-18). A lição que o viajante aprende da sua leitura rosiana, nesta realidade complexa, contraditória e ambígua, confrontando-a com a paisagem real que vai descobrindo é a das diferenças abissais na apreensão do espaço. É nesta "escrita do mundo", tal como a concebe Edouard Glissant, que se concilia a singularidade de um ponto de vista com a abertura ao universo. A partir duma língua e dum ponto de enraizamento, estar desperto para o mundo e para as suas vivências. (GLISSANT,1993).

Travessias no mapa: (des)continuidades

Desmedida divide-se em dois grandes segmentos, chamados “Primeira Metade” e “Segunda Metade” (numa composição equilibrada a fazer jus aos nomes), e um fecho. Cada uma dessas metades se divide em três partes, que, por sua vez, se subdividem no que talvez pudéssemos reconhecer como subcapítulos. Na Segunda Metade dois terços se ocupam de Angola, que é na verdade, mais uma vez, o foco principal da atenção do narrador.

Angola é o ponto de referência constante – intelectual, imaginário, e também físico – para pensar os outros territórios visitados, e isso é deixado explícito pelo narrador, quando anuncia seu objetivo primacial: “Ensaiasse tão-só, talvez, dizer do Brasil a partir de Angola, a partir da situação nacional que é a minha em relação ao mundo e a Angola (e exatamente só a partir disso)”. (CARVALHO, 2010, p. 54).

Desmedida constitui, no fundo, uma contínua digressão, como, aliás, lhe cabe, por ser um conjunto de crônicas escritas ao longo de uma viagem pelo Brasil. Luís Quintais observa que, na escrita de Ruy Duarte de Carvalho, “aquilo que é mapa, provisão para a jornada, também é, paralelamente, perda de referentes, ausência de inteligibilidade, duro exercício de questionamento e procura”. (QUINTAIS, 2000, p. 363).

As continuidades e convergências entre temas, histórias e personagens permitem ao narrador juntar materiais heterogêneos num texto em que a própria ideia de centro e de linearidade é rejeitada logo à partida, por não ser funcional às exigências da escrita, sobretudo por ser escrita de viagem. (MICELI, 2011, p. 80). Na segunda metade do livro esta configura-se como uma escrita para alguém, que se faz conforme as necessidades do seu destinatário, uma vez que “talvez a questão seja sempre, afinal, a de tentar não perder de vista para quem se quer falar”. (CARVALHO, 2010, p. 225).

A relação entre o problema da destinação e o do desvio emerge com toda a clareza no episódio que marca a transição da primeira para a segunda metade do livro. De fato, embora *Desmedida* se possa considerar um conjunto de digressões, cujo fio condutor é a viagem pelo São Francisco acima, acompanhada pela reflexão sobre o Brasil a partir de uma perspectiva angolana – e, por

consequente, sobre as relações entre os dois países –, a súbita decisão de interromper a viagem e voltar a Angola, para colocar as suas notas em ordem, constitui um tipo de desvio diferente dos que vimos até agora, por se tratar de uma decisão tomada conscientemente pelo autor e não de um acontecimento inesperado que mudou o curso da viagem. (MICELI, 2011, p. 80).

O regresso a Luanda causa um desvio que é não só geográfico, mas também temático. Desta maneira, a inscrição de Angola no panorama do livro acaba por tornar a viagem pelo Brasil uma espécie de pretexto para, na verdade, falar mais uma vez de Angola. E o desvio desempenha aqui exatamente esta função, porque, afastando o autor do pretexto do livro – o seu falso centro – e leva-o para outros caminhos, que são os que garantirão a sobrevivência do livro, arrastado por uma deriva incessante, que é o que o torna possível.

Viagem e autobiografia

Os diversos autores citados por Ruy Duarte parecem apontar para uma autobiografia intelectual, em que se situam as notas de uma formação sólida e variada, orientada pela paixão do conhecimento. O itinerário do narrador é dividido com escritores, viajantes, engenheiros, naturalistas, intelectuais diversos que tiveram sua vida ligada ao Brasil, território que agora percorre com interesse intelectual e um deslumbramento militante.

Destaca-se já nas primeiras páginas o nome de Blaise Cendrars, intelectual europeu marcante na história de nossas letras. O movimento é de aproximação, tendo como vetor as afinidades que ligam os dois. É a partir de uma vivência que Ruy Duarte se lembra de Cendrars. Um requintado jantar numa rica fazenda no interior de São Paulo faz pensar no papel do café na economia brasileira e no percurso histórico da vida nacional. O café, cuja produção é uma das bases da riqueza de segmentos da sociedade paulista, é também uma espécie de emblema da concentração de renda que não deixa de alimentar essas ilhas de prosperidade e bem-estar a que está associada grande parte da atividade intelectual no país. O movimento modernista e sua fulgurante Semana de Arte Moderna são sinais dessa mistura. A lembrança do intelectual europeu tão presente naqueles efervescentes anos 20 conduz o escritor a uma situação

especial, por ele definida como “agarrado a uma bolha de temporalidade e velocidade de pensamento, dessas que não têm nada a ver com durações comuns.” (CARVALHO, 2010, p. 20).

Inicia-se um processo narrativo orientado por diversas temporalidades: o passado, em que se localizam as referências intelectuais a serem convocadas, e o futuro, que será apreendido na descodificação das paisagens visitadas durante a viagem do escritor angolano. O interesse pelo Brasil, que mobilizou ambos e gerou tantas viagens, está no centro da aproximação. No meio, estão as décadas que distinguem seus tempos. E, ainda, a preceder, as viagens e o arrebatamento que elas têm na origem, o conhecimento assegurado pelas leituras. Foram os livros o ponto de partida. A partir do conhecimento, as viagens se convertem num modo de reconhecer paisagens, gentes, movimento.

Cendrars prolongou o diálogo transcultural entre a Europa e o Brasil, inaugurado já no período barroco com Gregório de Matos, que se desenvolveu com os modernistas brasileiros Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Ruy Duarte de Carvalho, vindo de outra margem do Atlântico, continua outro diálogo com a corrente modernista brasileira: o que estabeleceram, nos anos cinquenta, os movimentos culturais que tinham como lema "Vamos Descobrir Angola" e que viam no modernismo um estímulo para se libertar do modelo colonial português. No entanto, não deixa de salientar a ambiguidade da influência da literatura brasileira sobre os escritores angolanos. Nota que, no contexto colonial da época, celebrava-se mais o lusotropicalismo, idílico casamento cordial entre o Negro e o Branco, mestiçagem harmoniosa dos valores europeus e tropicais, do que a hibridação, a desconstrução dos primeiros modernistas: “ainda hoje custa a lembrar esse papo multilusoraciale tropicalista de matriz brasileira, com que o colonialismo português nos andou a massacrar durante décadas”. (CARVALHO, 2010, p. 69).

No segundo segmento do primeiro capítulo, o autor recua no tempo, opta por outro império e, com outro viajante célebre, constrói uma forte interlocução: Richard Francis Burton. Além de alguns dados que permitem ao leitor identificar minimamente o personagem, o narrador faz questão de detalhar pontos de convergência entre os dois estrangeiros que o antecederam nas incursões pelas terras brasileiras: a ligação com a África é um desses pontos. Ao incorporar dois

instigantes personagens, Ruy Duarte define, de certa maneira, o terreno em que deseja fincar as raízes do projeto literário – e não só – que este livro representa.

A ligação a estes personagens, legítima e justificada, entretanto, não oculta uma diferença, que é crucial na concepção e na elaboração da narrativa do escritor angolano: o local de onde ele fala, o lugar a partir do qual se enraíza o seu discurso e organiza o seu olhar. Como os outros dois, ele é estrangeiro, mas, diferentemente dos outros dois, ele não vem do Norte, do centro do mundo. É de outro lugar periférico que ele vem e é essa outra periferia que ele quer compreender, pois é para ela que regressará, como está no subtítulo da obra e como ele não deixa de reconhecer.

Considerações finais

Ruy Duarte de Carvalho, na sua condição de escritor, somada às responsabilidades de antropólogo e ao seu respeito discursivo às singularidades errantes do continente e da pátria que escolheu e oficializou como seu nos situam e nos ajudam a ver com clareza onde e como vivemos. O respeito e o fascínio por esse outro nos desperta para a mesma consciência e responsabilidade de nos sabermos “em trânsito”.

O modelo dialógico em que quase todos os textos de Ruy Duarte estão assentes, com sua densidade formal e temática, com um destinatário que constantemente se presentifica, mostram que contar uma história obedece ainda à premissa de um sujeito em estabelecer uma relação com outrem através dela. (MICELI, 2011, p. 99).

Oscilando entre ensaio e a ficção, Ruy Duarte de Carvalho convida o leitor a seguir com ele o roteiro franciscano e rosiano, cheio de digressões na demanda da verdadeira história, lendo na paisagem natural e cultural os sedimentos comuns da aventura humana na sua conquista da terra. Tais processos narrativos, já usados desde os séculos anteriores tanto por escritores brasileiros quanto portugueses, nada teriam de muito original se não inaugurassem um novo olhar e, sobretudo uma nova perspectiva sobre o Brasil, visto a partir de outro povo do hemisfério sul com quem partilhou um destino comum, unido historicamente pela diáspora africana provocada pelo tráfico negreiro.

Retomando o vaivém dos barcos negreiros, o relato cria metáforas para expressar tanto a viagem real ao longo do São Francisco como as memórias passadas.

Instaura assim um diálogo transcultural, ultrapassando as fronteiras, as raças, para tentar definir um destino comum, vindo no oceano e na língua um meio de encontros e diálogos futuros. A obra literária revisita a história, bem como os costumes e as tradições, permeada pelas interrogações que a viagem suscita ao narrador.

Ao fim do livro, que não é o final do texto, pois está anunciado que aí virá uma Terceira Metade, o autor enfatiza algumas das motivações que deram impulso ao seu projeto. É nítida a sua inquietação, sempre em busca de linguagens que lhe possam exprimir a necessidade de compreender as contradições do mundo, que, nesse livro, de certa forma, se evidenciaram como assimetrias e contiguidades entre o Brasil e Angola. (CHAVES, 2006, p. 290).

Referências bibliográficas

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Vou lá Visitar Pastores**. Lisboa: Cotovia, 1999.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Desmedida- Luanda - São Paulo - São Francisco e volta** – Crônicas do Brasil. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

CHAVES, Rita. Desmedida: o Brasil, para além da paisagem, em Ruy Duarte de Carvalho. **Remate de Males**, n.º 26(2), p. 279-291, julho/dezembro 2006.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma Teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens** – Estudos e Bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002.

GLISSANT, Edouard. **Tout-Monde**. Gallimard, 1993.

GUATTARI, Félix; ROLNICK, S. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MICELI, Sónia. **Contar para Vivê-lo, Viver para Cumpri-lo**. Autocolocação e Construção do livro na trilogia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho. Mestrado em Estudos Comparatistas, 107 p. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

QUINTAIS, Luís. Ruy Duarte de Carvalho ou a Poética da Identidade: algumas considerações a partir de *Observação Directa*. **Revista Colóquio/Letras**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 157/158, p. 362-367, Julho 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. São Paulo: Nova Aguilar. 1994.

SILVESTRE, Osvaldo. Notas sobre a Paisagem e o Tempo em Ruy Duarte de Carvalho. **Setepalcos**. Coimbra: Cena Lusófona, n.º 5, julho de 2006.